

LITERATURA E CIDADE: CAMPO INTERDISCIPLINAR E VAZIOS INVESTIGATIVOS

LITERATURE AND CITY: interdisciplinary field and investigative emptiness

LITERATURA Y CIUDAD: campo interdisciplinario y vacío investigativo

Clovis Ultramari

Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.
ultramari@yahoo.com

Manoela Massuchetto Jazar

Doutoranda em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.
manoelamj.arq@gmail.com

RESUMO: O artigo objetiva trazer ao debate a relação literatura e cidade como campo interdisciplinar de pesquisa. Serve-se de revisão bibliográfica sobre essa relação e, a partir da seleção de dois autores - Machado de Assis e Graciliano Ramos, analisa como a produção científica nacional em teses e dissertações defendidas entre 2000 e 2015 se apropria desse potencial investigativo. Adicionalmente, toma o caso de Graciliano Ramos para a identificação de possíveis caminhos metodológicos neste campo interdisciplinar. O debate sobre trabalhos que integrem ou possam integrar literatura e cidade indica que, se, por um lado, há uma recorrência de concordâncias sobre a riqueza dessa interdisciplinaridade; por outro, é reduzido o número de pesquisas com essa perspectiva específica. Mais que isso, é possível observar que áreas tradicionalmente afeitas ao urbanismo gestão urbana, design, arquitetura e planejamento não estão presentes no restrito número de pesquisas que foi possível selecionar, havendo uma concentração exclusiva na área da própria literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade e literatura. Metodologia. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This article aims to start a debate on the relation between literature and cities as an interdisciplinary research field. It is developed based a bibliographic review on such relation and, guided by a selection of two Brazilian authors, Machado de Assis and Graciliano Ramos, analyses how the national academic production in dissertations and thesis - defended thought 2000 to 2015 - refers and takes advantage from this rich interdisciplinary. Additionally, we take the work and public life of Graciliano Ramos to identify possible methodological paths in such interdisciplinary field. In the search of researches that combine interests in literature and cities, we could observe that, on one side, there is a consensus on the importance of different multi scientific approaches; on the other it is reduced the number of researches adopting this procedure. More than that, it is possible to conclude that areas closely connected to urbanism, like urban management, design, architecture and planning are absent in the restrict number of researches considered appropriated for this discussion.

KEYWORDS: City and Literature. Methodology. Interdisciplinarity.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo argumentar sobre la relación entre literatura y ciudad como campo interdisciplinario de investigación. Hace uso de la revisión teórica acerca de esta relación y, a partir de la selección de dos autores - Machado de Assis y Graciliano Ramos - analiza cómo la producción científica nacional en tesis y disertaciones defendidas entre 2000 y 2015 se apropian de este potencial de investigación. Además, toma el caso del escritor Graciliano Ramos para la identificación de posibles enfoques metodológicos en este campo interdisciplinario. El debate sobre trabajos académicos que integran o que desean integrar literatura con ciudad indica que, por un lado, hay una grande concordancia de la riqueza de este enfoque interdisciplinario; en el otro, que hay todavía un muy bajo número de resultados con esta perspectiva específica. Más que eso, se puede ver qué áreas de estudio tradicionalmente relacionadas con el urbanismo, la gestión urbana, el diseño y la planificación no están presentes en el limitado número de resultados encontrados.

PALABRAS CLAVE: City and Literature. Methodology. Interdisciplinarity.

1 | A TRANSFERÊNCIA DE IDEIAS NO ESTUDO DAS CIDADES

O conceito de transferência de ideias no campo da Gestão Urbana é aqui utilizado como ferramenta para se compreender processos urbanos diversos, assim como contribuir para a adoção adaptada de ideias, práticas, legislações, diretrizes e projetos em diferentes cidades a partir de uma intrincada relação de comunicação, submissão e marketing, conforme entendido por Ultramari e Duarte (2012). Segundo esses mesmos autores, para o contexto da Gestão Urbana, ideias podem ser adotadas com maior ou menor legitimidade social e seus diferentes processos de transferência ocorrem sobre um contexto geográfico - entre cidades -, e temporal - diferentes momentos.

Leme (1999), por sua vez, observa que a circulação das ideias é mais comumente notada nos níveis espacial e cultural. Contudo, a busca por referências elaboradas ou apreendidas em tempos pretéritos tem sido mais comum no estudo e na gestão das cidades contemporâneas; ora, reproduzindo-as - como nas chamadas Boas Práticas -, ora, rejeitando-as explicitamente. Processos de renovação das áreas centrais das grandes cidades, comuns em nível global, a partir do final dos anos 1980, sintetizam essa dicotomia entre um e outro “modelo”, entre uma e outra cidade a ser reproduzida, entre um passado enaltecido ou um futuro anunciado. A reconstrução de Beirute, por exemplo, nos anos 1990, é um exemplo de tais “opções”, estando entre uma Paris do Oriente Médio ou uma Dubai no Mediterrâneo (SAWALHA, 2011). No caso brasileiro, por muito tempo, pratica-se o debate entre a cidade que valoriza o tecnicismo, conforme visto sobretudo nos anos 1970, e a cidade que valoriza o social, tal qual idealizada na Constituição (1988) e no Estatuto da Cidade (2001). De forma similar, pratica-se o debate entre a cidade neoliberal, da espetacularização, do projeto ícone e a cidade do planejamento participativo e estruturante vide, por exemplo, Arantes *et al.* (2008) e Harvey (2000).

Se se reconhece aqui que o momento, o contexto da criação e o da recepção das ideias constituem elementos fundamentais para a sua difusão, aceite, recusa ou consolidação, ressalta-se também que ideias não são elementos capazes de iniciativas autônomas, independentes de seus criadores e de seus promotores. De fato, no intuito de entenderem os elementos causais de um determinado processo, inúmeros são os autores que se dedicam muito mais à mobilidade concreta de cientistas como fato propulsor de intercâmbios intelectuais e científicos que propriamente a migração de suas criações.

Howlett e Morgan (2001), em suas referências específicas sobre planejamento urbano e arquitetura que interessam a este artigo, qualificam a mobilidade concreta das ideias como apenas uma das formas possíveis de externar conhecimentos e práticas. Para esses autores a viagem das ideias ocorre, então, por meio da cultura, do tempo e do espaço. Assim, partes ou totalidades de modelos, metáforas, conhecimentos e imagens migrariam: 1. mantendo a chamada integridade original (*travelling with integrity*); 2. mantendo as suas características iniciais em termos de utilidade e funcionalidade, porém com novas funções (*travelling fruitfully*) (HOWLETT; MORGAN, 2001). Assim, como também observado por Healey e Upton (2010), há sempre um interesse em entender como a transferência das ideias ocorre e se de forma mais ou menos receptiva ou impositiva; denotando uma preocupação com a validação social do fato e não apenas com a ideia transferida.

Formas de transferência de ideias mais específicas nos interessam na presente discussão. Aquela que ocorre no nível da interdisciplinaridade é uma delas. Esse nível reconhece-se, é fundamental para a apreensão de especificidades de um fenômeno ou objeto de estudo, porém, conforme lembra Floriani (2004), revela dificuldades para ser analisado e descrito. Outra forma de transferência de ideias que interessam a este artigo é o olhar do observador e autor sobre um objeto e seu tempo vivido. Tal qual em Ortega y Gasset (1984), análises sobre objetos que nos parecem erroneamente perenes - como as cidades, por exemplo -, feitas em tempos históricos distintos, estariam sujeitas à mesma máxima de que somos, e nossas ideias também as são, nós mesmos e nossas circunstâncias. Essas duas formas de transferência de ideias, a interdisciplinar e a circunstancial, estão evidenciadas no estudo de caso aqui apresentado.

A discussão deste artigo tem, pois como contexto analítico maior, o da transferência das ideias, porém com interesse mais específico sobre o diálogo entre campos distintos como o da literatura e o do urbanismo (tomando Machado de Assis e Graciliano Ramos como exemplos), com recorte unitemporal, como a relação da obra de Graciliano e sua atuação política como prefeito, e transtemporal, como a relação entre sua atuação na prefeitura e a gestão das cidades contemporâneas. Na discussão de tais caminhos metodológicos interdisciplinares, vislumbra-se a ampliação de fontes de informação para estudos urbanos a partir de olhares não tradicionais no estudo das cidades, ampliam-se as referências para a gestão delas e vê-se enriquecer os procedimentos investigativos.

2 | CIDADE E LITERATURA

A relação cidade e literatura como campos de criação artística ou de investigação científica é profícua em exemplos e permanece presente nos diferentes períodos que se possa adotar para cada um deles. Para o caso da cidade, alteram-se o objeto, o pensar sobre ela, a ação de gestão que lhe é aposta e o referencial epistêmico utilizado; porém, permanece uma relação de dupla influência com a literatura. Ressente-se de estudos que possam esclarecer ou, minimamente, exemplificar analiticamente tal influência por períodos históricos, seja pela ótica da produção literária ou por meio de uma revisão epistemológica do pensar sobre a cidade.

Exemplos ajudam esclarecer esse raciocínio. A partir de um recorte para o século XX, valem as lembranças visualizadas por Lima (2008): Marcel Proust, Gabriel García Márquez e William Faulkner, escritores de tradições literárias distintas. Tais escritores teriam “criado” suas próprias cidades (Combray, Macondo e Yoknapatawpha, respectivamente), porém, com uma fácil identificação com suas cidades “legítimas” e por eles vividos. As evidências de Proust e Faulkner, na reprodução da cidade francesa de Illiers, França e de Lafayette, no Mississippi, Estados Unidos, respectivamente, são bastante conhecidas; no caso de Macondo, as evidências são menores, mas é aceito ter na cidade natal do autor, Aracataca, Colômbia, a fonte da cidade retratada na ficção. O fato de esses três autores formarem um conjunto onde as cidades que nos apresentam serem ficcionais, imediatamente nos leva a pensar em outro conjunto que lhe seria o oposto, ou seja, a descrição explícita de cidades reais. Na tentativa de garantir um esboço mínimo de conjunto entre os exemplos no recorte da produção “universal” nos séculos XIX e XX, lembramos de Eça de Queirós, Jorge Luiz Borges e Fiódor Dostoiévski. A despeito desses exemplos singulares, Novakovich (1995, p. 25, tradução nossa) alerta para uma tendência onde o cenário já não interessa mais e sim o perfil do personagem e suas relações no tecido social; para aquilo que mais importa neste artigo, a justificativa pensada por este autor seria: “Você precisa de lugares reais para a sua ficção? [...] O cenário, nos dias de hoje, saiu de moda em detrimento do personagem e da ação [...] talvez esta tendência tenha relação com o fato de não sermos uma sociedade caminhante”.

Retornando, porém, à nossa lista, teríamos, no primeiro caso, na obra de Queirós (1978), **A cidade e as serras** (primeira edição 1901), a descrição de uma Paris metrópole, que recém vivenciava as grandes obras do Barão de Haussmann, em oposição aos rincões do mundo rural português. Também de Queirós (1978), **Os Maias** (primeira edição 1888), apresenta uma Lisboa que se apequena no cenário urbano europeu, tentando reproduzir o modelo parisiense dos bulevares.

No caso de Borges,

Pode-se afirmar que de todos os temas enfocados na literatura borgeana, bem poucos persistem em toda sua obra como a cidade de Buenos Aires. O autor e sua cidade são, como afirma Carlos Alberto Zito, produtos únicos, nascidos ambos da mistura das culturas europeias com hábitos argentinos. Dessa forma, a originalidade de Borges se deve, em grande medida, à originalidade de Buenos Aires. (PADRÃO, 2008, p. 32).

No caso de Dostoiévski (2001, p. 131), em **Crime e castigo** (primeira edição 1866), São Petersburgo, em passagem conhecida, tem suas ruas passíveis de serem decodificadas meio a um espaço ficcional que se sobrepõem a elas: “Numa dessas tardes mais quentes dos princípios de julho, um rapaz saía do pequeno quarto que alugara, no Beco S., dirigindo-se, o passo tardo, vacilante, para a ponte K. Teve sorte de não encontrar, na escada, a senhoria que morava abaixo”.

Um terceiro conjunto de autores, em oposição aos dois primeiros, que poderiam exemplificar a relação entre literatura e cidades, é o daqueles que as apresentam como verdadeiramente ficcionais, com estruturas urbanas e interações sociais que parecem negar qualquer vínculo com nossas realidades, conforme referenciado por Calvino (1990, p. 31), em *As cidades invisíveis* (primeira edição 1972). Nesta obra, o próprio narrador se questiona sobre o fato de Kublai Khan acreditar em tudo aquilo que Marco Polo, seu interlocutor viajante, diz a respeito das cidades que conheceu. O relato em teor onírico do relato dessas cidades explica a dúvida a respeito da veracidade.

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre.

Do ponto de vista investigativo para o urbano, a obra de Calvino seria ainda considerada um caso especial. Nela, tem-se uma longa lista de cidades descritas em capítulos, aparentemente distintas, configurando modelos de utopias e distopias passíveis de analogias com nossas cidades contemporâneas. Na similaridade com as nossas, tais cidades são ora libertadoras, ora repressivas, ora inclusivas, ora sinônimos da profunda inequidade da sociedade que aí vive: “Ao navegar de uma cidade a outra, essas histórias deflagram um pensar incessante [...] cuja organização individual é problematizada, numa fortificação perfeita das partes e do todo, mas uma totalidade que leva à multiplicidade” (NEITZEL, 2002, p. 159).

Um quarto conjunto é ainda possível de se elaborar quando se pensa em cidades descritas de forma genérica – o universo urbano, a vida na metrópole –, aquele das cidades descritas com especificidades e que as transformam em únicas pelo autor, importando pouco a sua inserção em uma rede maior de cidades, ora centralizando, ora se constituindo em periferia de um mundo globalizado. No primeiro caso, talvez paradoxalmente, lembramos da Paris de Baudelaire (2014), em **As flores do mal** (primeira edição 1857). Apesar da contemporaneidade da obra com as intervenções urbanísticas de Haussmann e de sua sabida crítica a essas transformações que não mais permitia reconhecer sua cidade do passado, ou então que lhe seriam apresentadas como

“uma insuportável aspiração do ideal”, a descrição que se tem é a da “grande cidade”, com seus anônimos, pessoas marginalizadas, mas também com possibilidade de um forte intercâmbio social em espaços abertos. Mesmo com a adição dos *Tableaux Parisiens* à obra da primeira edição, Baudelaire não necessariamente descreve Paris, mas anuncia um mundo urbano admirado, seja pela explicitação da valorização do artificial frente ao natural, seja pelo exílio que oferece à solidão do homem moderno. Nesse exemplo, estaríamos mais próximos de uma grande realidade urbana, no qual, na invenção do cotidiano (CERTEAU, 1998), as pessoas, ainda que anônimas, assumem o protagonismo por meio de suas pequenas decisões diárias, como usuários com seus “procedimentos ou táticas de consumo”.

No outro extremo dessa cidade genérica, mas sempre próxima ao recorte daquilo que é a grande cidade contemporânea, tem-se aquelas descritas de modo a parecerem únicas; valorizando a compreensão de um observador que, esse sim, é único, superficializando o fenômeno de uma grande homogeneização entre as cidades ora em curso. Este é o caso, na literatura contemporânea, de Istambul (PAMUK, 2007), no qual a inserção do meio urbano na obra literária manifesta-se, do mesmo modo que na abordagem anterior, pela íntima relação entre o local protagonizado e o enredo propriamente dito. Aprofunda-se, entretanto, o papel da cidade, a qual deixaria de ser apenas um cenário geográfico. A ambientação narrativa torna-se indissociável da sucessão de acontecimentos, condicionando-os: os eventos narrados não poderiam ocorrer a outro momento, de outra forma e, principalmente, em outro lugar. Essa interpretação pode não ser consensual, mas, podemos aqui inserir dois exemplos: James Joyce (2012), em *Ulysses* (primeira edição 1922), com o cotidiano de Leopold Bloom pelas ruas de Dublin, em 16 de junho de 1904; e Émile Zola (2013), em *Travail* (primeira edição 1901), criticada literariamente, porém com precioso relato do ponto de vista do urbano de uma época: o da industrialização que se confirma, o da segregação da classe trabalhadora e o de uma cidade que celebra o “embelezamento e melhoramento” e organiza um grande evento, a Exposição Universal de 1900.

Em todos esses casos, a cidade passa a ser o “palco da ficção”, constituindo um cenário (fictício ou real, específico ou genérico) para os acontecimentos narrados. Tal fato sugere a existência nas obras de questões também recorrentes no campo mais específico do urbano ou da cidade contemporânea, tais como a legibilidade de seus espaços, a violência de seus territórios ou a diversidade cultural urbana e as experiências vivenciadas nesses espaços.

[...] [a cidade] passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas. Assim, é Paris para Victor Hugo, Balzac e Zola, ou para Baudelaire em seus poemas; ou Londres para Dickens. [...] pode-se perguntar o que significa Buenos Aires para Borges, ou Roberto Arlt, ou o contemporâneo Ricardo Piglia; ou Lisboa para Eça de Queirós e Cesário Verde, ou para José Cardoso Pires; o Rio de Janeiro para Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Marques Rebelo ou Rubem Fonseca. (GOMES, 1997).

Para além desses conjuntos de autores que nos ajudam a iniciar um entendimento da relação cidade / literatura como tema de pesquisa, importa investigar a produção acadêmica neste sentido e qual dos dois campos disciplinares a tem realizado. Neste caso, várias opções se apresentam, como por exemplo, a sua busca em artigos e anais de eventos científicos, nacionais ou estrangeiros. Discutir o que se estuda, como se estuda e aquilo que se prioriza nos estudos também pode nos ajudar a compreender essa relação. Para este artigo, selecionamos uma análise sobre pesquisas de teses e dissertações brasileiras que tenham adotado tal perspectiva interdisciplinar; o item a seguir apresenta alguns resultados.

3 | RELAÇÃO LITERATURA E CIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Para identificar a produção acadêmica nacional sobre possíveis iniciativas interdisciplinares entre literatura e cidade ou encontrar opções investigativas nesse sentido, realizamos uma análise bibliométrica no recorte de dissertações e teses que tenham ensaiado tal discussão transversal em Programas de Pós-graduação brasileiros. A fonte utilizada foi o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, com escopo temporal entre 2000, primeiro ano com disponibilidade desses documentos, e 2015, correspondendo aos últimos depósitos disponíveis quando desta pesquisa.

No refinamento inicial desta pesquisa, tomou-se como recorte dois autores já previamente considerados mais presentes na relação buscada: Machado de Assis e Graciliano Ramos. O primeiro foi tomado pelo pressuposto de que seria amplo o campo de investigação entre sua obra e a cidade do Rio de Janeiro, porém conscientes de que esta cidade, vista “pelo prisma literário, não é a representação mimética do real, mas sim um deslizamento de sentido. Os dados objetivos são reconfigurados mediante a um processo de intenção deliberada, ilusão de espírito ou manipulação” (TEIXEIRA, 2008, p. 2).

O segundo autor, Graciliano Ramos, foi tomado pela sua singular experiência como prefeito de uma cidade e também pelo fato de ser recorrentemente mencionado como modelo da boa gestão pública ou urbana¹.

Ao se usar as duas palavras chave “Machado de Assis” e “Graciliano Ramos” para iniciar o referido estudo bibliométrico, obteve-se uma resposta do mecanismo de busca com 221 para o primeiro e 60 para o segundo (sempre considerando a sua existência no título, resumo ou palavras chave de cada uma das teses e dissertações disponíveis). A primeira leitura que se pode fazer é sobre suas distribuições entre Programas de Pós-Graduação: para o caso de Machado de Assis, tem-se uma maior concentração, esperada, em Letras (76), seguida de Literatura Brasileira (22), História (15), Teoria Literária (10) e Sociais e Humanidades (10); para o caso de Graciliano Ramos, a concentração inicia Letras (35), seguida de Literatura Brasileira (7), Educação, Geografia e História (cada uma delas com 3 resultados). Esperadamente, em nenhum dos dois casos é possível identificar uma atenção sobre a relação literatura e cidade do ponto de vista daqueles que trabalham mais especificamente com essa última. Nos campos de Geografia e História, que guardariam uma maior preocupação com a cidade em seu sentido mais restrito, os interesses de pesquisa estão dirigidos à validade de se ter a Literatura como auxiliar no ensino da Geografia e à descrição da cidade como referencial de um determinado período histórico. Para o caso dos dois autores selecionados e nos limites dos recortes adotados pela pesquisa, estão ausentes desses interesses de investigação os campos da Arquitetura, do Urbanismo, da Gestão das Cidades e da Administração Pública, por exemplo. É exceção o caso de Planejamento, com dois trabalhos, apenas; fato que não impede a conclusão de se ter um tópico de pesquisa ainda pouco explorado, o qual poderia se constituir em potencial atividade interdisciplinar e que contribua para o entendimento da cidade “real” por meio daquela contida em descrições ficcionais.

¹ Do mesmo modo que Graciliano, outros autores contaram com essa dupla atuação: literatura e vida pública. Arriscando-se a elaborar uma lista sempre incompleta, valem alguns exemplos: André Gide, Nobel da Literatura de 1947, “prefeito” da comuna de La Roque-Baignard (França); José de Alencar, chefe da Secretaria do Ministério da Justiça, deputado e ministro da Justiça em 1868; Ciro dos Anjos, com cargos importantes na administração estadual de Minas Gerais; Carlos Drummond de Andrade, funcionário público em Minas Gerais e Ministério da Educação; Mário de Andrade, diretor-fundador do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo; Manuel Bandeira, membro da Academia Brasileira de Letras e Inspetor Federal do Ensino; José Sarney, presidente do Brasil, governador do Maranhão e senador; Murilo Badaró, deputado estadual e federal por Minas Gerais, senador e ministro da Indústria e do Comércio.

Mais que apreender a Rio de Janeiro do final do século XIX, poder-se-ia, para o interesse precípua dos campos interdisciplinares e ausentes citados acima, ensaiar uma resposta sobre como uma determinada classe social se apropriou das novidades urbanísticas contidas na obra de Machado de Assis, por exemplo. Associações com a cidade contemporânea contribuiriam ainda mais para se avaliar a riqueza de fontes de informação que tais obras possam conter para o entendimento da cidade, seu uso, ocupação e gestão. Relações entre a população de então frente a grandes projetos urbanísticos, bem como entre a população contemporânea frente a – dentre outros – um planejamento que se faz por projetos (SÁNCHEZ et al., 2004) e não necessariamente por entendimentos mais amplos da cidade, seria outro caminho investigativo possível.

Se, por um lado, essa baixa indicação de leituras interdisciplinares na relação literatura/cidade possa sugerir temas de pesquisa com certo ineditismo - qualificação, em princípio, buscada, minimamente nas teses de doutorado -; por outro, intriga quando observada de modo mais restrito. Dos totais de teses e documentos encontrados (221 para Machado de Assis e 60 para Graciliano Ramos), após uma leitura dos seus Títulos e Resumos para filtrar aqueles que se relacionam especificamente com processos urbanos, os números caem significativamente. Este momento da pesquisa sugeriu a revisão do pressuposto adotado para esses dois autores brasileiros como referenciais na produção científica nacional do debate sobre a relação literatura e cidade. No caso de Machado de Assis, contou-se com seis documentos; no caso de Graciliano Ramos, ainda que tenhamos considerado também aqueles que se preocupam com a vivência do autor em determinado espaço, contou-se com quatro resultados, apenas.

A partir de cada uma das teses e dissertações selecionadas e para cada um dos autores, procedeu-se a uma identificação dos temas aí tratados e que seriam familiares à área mais monodisciplinar da gestão urbana, do urbanismo ou do planejamento urbano. Com isso, buscamos identificar nessas pesquisas advindas majoritariamente da área da literatura e afins aquilo que poderia ser do interesse precípua aos que estudam cidade de forma mais estanque: sua gestão, seus usos, construções, apropriações, transformações. Da discussão sobre a produção ficcional de Machado de Assis e de Graciliano Ramos, e sobre suas relações com o espaço urbano vivido ou criado, transferiu-se intenções investigativas entre duas áreas de pesquisa distintas. Nos quadros 1 e 2, tem-se uma síntese desses temas encontrados, com reproduções adaptadas daquilo encontrado nos seus títulos e resumos disponibilizados.

Quadro 1 – Possíveis temas de pesquisa para o estudo da cidade, a partir das referências à cidade do Rio de Janeiro por Machado de Assis.

Processos de modernização da cidade do Rio de Janeiro, do final do século XIX e início do XX.
A crônica como reveladora de processos urbanos históricos.
O entendimento da cidade como símbolo de uma nova ordem industrial.
A cidade como objeto de reflexão.
A percepção do autor sobre processos de modernização da cidade.
Intensificação de processos de exclusão social.
O cotidiano da cidade, suas inovações tecnológicas, sua moda e mudanças comportamentais.
Relações entre Literatura, Geografia e Sociedade.
A literatura como objeto de estudos geográficos e a relação entre Geografia e Literatura.
Criação de espaços sociais abstratos meio ao processo de acumulação capitalista.
Modernização pela exceção na política, ideologias, vida cotidiana e singularidades do morador.
Literatura e mapeamento cognitivo de processos sócio espaciais

Referências espaciais, significações simbólicas e valores sociais.
Aspectos culturais da sociedade carioca do final do século XIX e início do XX.
Espacialidades e objetos da cidade do Rio de Janeiro como reveladores de valores socioculturais.
Posicionamentos autorais frente a processos urbanos (Machado de Assis não como mero descritor de cenários, mas também como crítico).
Entendimento do mundo literário como ação coletiva, revelando a percepção por um grupo maior de agentes sociais frente a processos urbanos diversos.
Entendimento da literatura como um falar sobre a sociedade, com o atributo capaz de revelar a cidade concebida, construída e usada.
Literatura como meio de revelação da cultura urbana, do estilo de vida urbano, do processo civilizador que se acredita contido na urbanização.
Reconhecimento alterações referenciais e de obras urbanas, suas apropriações e a espetacularização do cotidiano urbano.
Alterações dos referenciais espaciais ao longo da trama literária.
O texto literário, como manifestação artística, revelando contexto estético, histórico e cultural.
Referências espaciais e significações simbólicas que expressam ritos e valores sociais na cidade.

Fonte: Elaborado pelos autores, com texto adaptado das pesquisas originais.

Quadro 2 – Possíveis temas de pesquisa para o estudo da cidade a partir das referências aos centros urbanos vividos ou ficcionados por Graciliano Ramos.

Processos de observação sócio espacial revelados em elaborações ficcionais.
Limites da literatura na reprodução do mundo urbano-regional real.
História da vida privada e cotidiano do morador urbano da época descrita ficcionalmente.
Descrições de unidade regional, com nuances entre o urbano e o rural da época retratada.
Análise da relação homem/natureza.
Identificação de categorias geográficas.
Diálogo Literatura e Geografia como contribuição para o ensino básico.
Espaço geográfico como expressão do real e não meramente como construção ficcional.
Descrição de compartimentos urbanos e suas apropriações por atores sociais distintos.
Identificação de um possível trabalho interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia.

Fonte: Elaborado pelos autores, com texto adaptado das pesquisas originais.

Tais quadros, de imediato, revelam duas coisas: o reduzido número de pesquisas no formato de teses e dissertações que explicitamente se propõem a discutir o universo urbano na obra de Machado de Assis e de Graciliano Ramos – ambos com fortes vínculos com o mundo urbanizado, seja pela vivência de um momento singular de grandes transformações urbanas como as do Rio de Janeiro da virada de um século, no caso do primeiro, seja pela especificidade de se ter um autor que também foi prefeito, no caso do segundo. Todavia, tais quadros igualmente revelam uma situação alvissareira: a riqueza de informações que é encontrada no reduzido volume dos trabalhos encontrados. Discutidos pela perspectiva mais específica da área no qual tais pesquisas ocorrem, indicam um grande campo exploratório a ser apropriado por outras esferas mais afeitas ao estudo das cidades e também um ainda mais rico campo para iniciativas interdisciplinares. Estudos urbanos há muito procuram não apenas ampliar suas fontes de informação, mas também suas compreensões interdisciplinares como resposta a um objeto - a cidade - de difícil apreensão por compreensões restritas. Conforme Petts, Owens e Bulkeley (2008, p. 593, tradução nossa),

o campo epistêmico do urbano considera difícil a aplicação da interdisciplinaridade na prática, porém a defende e tem demonstrado grandes esforços nesse sentido:

O ambiente urbano oferece o contexto do problema. Apesar de uma retórica consistente e repetidas tentativas de promoção da pesquisa interdisciplinar, não menos importante pelos conselhos de financiamento em resposta a imperativos políticos, o sucesso parece ter sido limitado [...]. No entanto, conclui-se otimista em termos de vontade evidente de pesquisadores para ocupar zonas fronteiriças disciplinares perigosas para a melhor compreensão do ambiente urbano [...].

A ampliação das fontes utilizadas como, por exemplo, conjuntos de obras literárias que constroem seus relatos ficcionais sobre o cenário de uma única cidade, de cidades geográfica e temporalmente distintas e/ou conjuntos de cidades que constituam uma série histórica incrementariam as chances de aproximações acadêmicas interdisciplinares, de ocupação de vazios investigativos e mesmo da adoção de promissoras ousadas metodológicas. Entretanto, esse tipo de iniciativa não foi encontrado no levantamento realizado junto às teses e dissertações. Levantamento similar em termos de projetos de pesquisa, no qual as equipes de trabalho são crescentemente multidisciplinares e múltiplas em termos de programas de Pós-Graduação, nacionais e estrangeiros, talvez aporte resultado diferente. Entretanto, de antemão, tem-se como pressuposto que pesquisas na área do urbano contam com uma multidisciplinaridade restrita, formada majoritariamente pelos campos da arquitetura e urbanismo, sociologia urbana, geografia, história, direito, engenharias, meio ambiente e administração. A leitura das áreas do CNPq e Capes (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2013) confirma essa fragmentação e exclusão de determinados saberes relativos ao estudo das cidades a partir de “ilhas” disciplinares (referência atribuída a Nestor Goulard) de produção acadêmica; do mesmo modo, discussão feita por Bresciani (2002) indica que tal fragmentação já é histórica entre nós, fazendo parte mesmo das origens dos estudos urbanos no Brasil.

O resultado encontrado pela bibliometria revelou uma interdisciplinaridade no qual referências ao urbano são contidas no estudo literário, com menções à cidade, mas sem o debate específico sobre ela; tal situação nos leva mesmo a questionar a real configuração da prática interdisciplinar nesse caso. No outro lado, não foi possível encontrar estudos urbanos que contenham a literatura como fonte de informação; persistindo, todavia, referências rápidas a cidades utilizadas pela literatura ou digressões limitadas a uma lista restrita delas. A busca de uma relação hierárquica distinta, horizontal, entre esses dois campos parece mesmo ser de difícil consecução, sobretudo pela falta de iniciativas similares anteriores que pudessem contribuir como parâmetros iniciais. No caso específico dos estudos urbanos, a recorrência de ideias e a quase monotematização investigativa que atualmente neles se observa (ULTRAMARI; FIRMINO; SILVA, 2011) reforça tal limitação. Mais uma vez, confirma-se a existência de vazios investigativos muito pouco explorados e com potencial para novas perspectivas analíticas.

Para apreender esses vazios investigativos e novas perspectivas de análise na relação acadêmica entre literatura e cidade, o item a seguir apresenta um terceiro exercício: agora com foco sobre a obra e atuação política de Graciliano Ramos. Outros autores poderiam ser eventualmente mencionados, porém sua figura como prefeito e sua produção dos relatórios enviados ao Governador do Estado de Alagoas contêm uma relação singular para a interdisciplinaridade que se discute neste artigo. Esse exercício, do mesmo modo que os outros dois, é contextualizado no debate sobre transferência de ideias. Neste caso, essa transferência é observada, mais uma vez, pelo diálogo entre dois campos epistêmicos (literatura e cidade), mas também entre realidades temporais distintos (os ideais defendidos para a cidade governada por Graciliano e aqueles propostos para a cidade contemporânea) e entre atuações diversas de um mesmo sujeito (Graciliano como autor e como prefeito).

4 | CIDADE E GRACILIANO RAMOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS

O interesse e justificativa de se discutir a figura do escritor Graciliano Ramos (1892-1953) no campo do urbanismo ou do diálogo entre literatura e urbanismo está em sua experiência como prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, por curtos dois anos, 1928-1929, e também sua atuação em outros cargos públicos. Relativamente a esse período como chefe do poder executivo municipal, Graciliano produziu dois relatórios anuais entregues ao seu governador Álvaro Corrêa Paes (ALAGOAS, 1929, 1930); a prática era obrigatória, porém pouco usual.

Por infelicidade, virei prefeito do interior de Alagoas e escrevi uns relatórios que me desgraçaram. [...]. Depois que redigi esses infames relatórios, os jornais e o governo resolveram não me deixar em paz. Houve uma série de desastres: mudanças, intrigas, cargos públicos, hospital, coisas piores e três romances fabricados em situações horríveis [...]. (RAMOS apud MORAES, 2012, p. 17).

No campo do urbanismo ou no da gestão pública, tais peças, hoje, são recorrentemente citadas como exemplos a serem seguidos. A forma e o conteúdo desses relatórios trazem a descrição de suas realizações e revelam princípios que embasaram a atuação do prefeito/autor durante sua gestão: clareza na prestação de contas, responsabilidade na administração pública municipal, transparência política e busca pela imparcialidade no âmbito social.

Sua gestão [de Graciliano Ramos] ficou marcada não exatamente por atos administrativos ou decisões políticas, mas pelo relatório que o prefeito deixou, terminado o mandato. A redação desse relatório é primorosa, pela concisão, objetividade e clareza (hoje diríamos: transparência), qualidades que vêm coerentemente combinadas com a honestidade absoluta dos dados e da auto avaliação - rigorosíssima, sem qualquer complacência – que faz o prefeito. (VIEGAS, 2010).

Tais características explicam a sua constante lembrança na discussão sobre prestação de contas públicas ou probidade na gestão urbana contemporânea. Essa invocação do nome do literato, entretanto, torna-se exemplo de uma transferência pouco analítica de ideias e práticas de uma época para outra: as ideias explicitadas por Graciliano em seus relatórios migram para o tempo presente marcadas pela distinção literária do autor, pela sua clara opção ideológica polarizada - coerente com seu tempo vivido, no Brasil e no mundo - e pelo seu cárcere na ditadura de Getúlio Vargas. Esses são fatores que parecem se estabelecer como chancelas de suas práticas de gestão urbana e que são transferidos para nossa contemporaneidade ainda com reduzidas avaliações críticas. Entre analistas voltados à trajetória artística do escritor e práticos de administração pública mais preocupados em evidenciar uma prática de gestão urbana “justa, transparente e com probidade”, há uma transferência de ideias ou mesmo de modelos ainda pouco conhecidos, sugerindo uma fácil reprodução da imagem do excelente escritor em excelente administrador.

Graciliano Ramos é considerado o Pai da Gestão Fiscal Responsável. Ao redigir os famosos relatórios da administração [...] dava exemplo de austeridade, respeito e ética no trato com o dinheiro do povo. [...] Quando Graciliano foi prefeito, Palmeira dos Índios era uma cidade suja, com porcos andando pelas ruas. Ele ordenou que fossem eliminados. O encarregado de matar os porcos vadios voltou um dia, com a espingarda na mão, com a

² Além de prefeito, Graciliano Ramos também exerceu o papel de diretor da Imprensa Oficial do Estado de Alagoas (1930 - 1931), e diretor de Instrução Pública Estadual de Alagoas (1933 - 1936).

cara de assustado. O prefeito perguntou-lhe, então, se não havia mais porcos pelas ruas. O homem respondeu que sim, mas eram do coronel Sebastião, pai do senhor prefeito, ele não ia matar. Graciliano repreendeu-o: “Prefeito não tem pai”. Demitiu o empregado por não cumprir as ordens recebidas. (TAVARES, 2011).

A LRF regulamenta aquilo que, em tese, deveria estar na essência da administração do que é público, como nos ensinou Graciliano Ramos [...] exemplo do bom uso do dinheiro público em meio a situações de adversidades, tais como pobreza, secas, clientelismo e apadrinhamento. (SANTOS, 2009, p. 17).

Para esclarecer Graciliano Ramos como um potencial campo de pesquisa interdisciplinar entre literatura e cidade ou, pretensiosamente, mais uma vez, detectar pouco explorados campos metodológicos, ensaiamos aqui dois caminhos de investigação, entre outros não tratados neste artigo, cada qual valorizando uma determinada forma de transferência de ideias.

O **primeiro caminho investigativo** seria a pesquisa, na sua obra literária, da explicitação de seu engajamento político e, para o caso mais específico, a identificação de como a cidade é nelas descritas: a paisagem urbana, a atuação do poder público, a segregação sócio espacial, dentre outros. Para tanto, acredita-se que as obras com maior “informação” para estudos urbanos seriam aquelas no qual é maior o caráter autobiográfico de Graciliano ou mesmo suas correspondências pessoais. Nestes casos, para além da reconhecida eterna insatisfação com o estado de coisas que observa junto à população, seus governos e seu meio, ter-se-ia também a pessoa do autor, demonstrando sempre um desejo de sair do mundo de uma cidade pequena e partir para o Rio de Janeiro. No primeiro caso, a aproximação com as questões sociais que atualmente se observam nas nossas cidades, suas gestões urbanas e no modo como diferentes grupos se apropriam da sua produção, já se observa um volume significativo de produções a respeito. Estaríamos então no âmbito da chamada *littérature engagée*³, onde Graciliano expressaria, mais ou menos explicitamente, sua posição política frente à sociedade urbana e ao governo que exerce sua gestão. No segundo caso, o da verdadeira relação da pessoa de Graciliano com o cotidiano de uma cidade do interior esquecido de Alagoas ainda parece muito pouco explorados: “Consideras-te rival da prefeitura, minha filha? Que lembrança! Há apenas entre mim e ela uma ligação precária, por três-anos, mas se achas a ligação indecente, desmancho tudo e mando-a pentear macacos” [carta de 8 de fevereiro de 1928]. (RAMOS, 1986, p. 104).

A valorização da leitura da obra de Graciliano como fonte de investigação sobre um tempo e um contexto, ou, no caso, um modo de habitar um espaço e geri-lo, parece ser por ele mesmo anunciado: “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só” (RAMOS apud MORAES, 2012, p.15). A mesma defesa é feita por Cândido (2006), ao ampliar o valor de uma obra para o contexto em que foi escrita, o cenário real que apresenta e a ideologia do autor em relação a esse mundo. Do mesmo modo, essas seriam questões basilares para o estudo da cidade, sempre defendidas como necessária para sua compreensão e intrinsecamente presentes num campo interdisciplinar de estudo.

³ Denis (2002, p. 17) entende literatura engajada como: “[...] um fenômeno historicamente situado, que o associam geralmente à figura de Jean-Paul Sartre e à emergência, no imediato pós-guerra, de uma literatura passionalmente ocupada com questões políticas e sociais, e desejosa participar da edificação do novo mundo anunciado desde 1917, pela Revolução Russa; [ou como a literatura que] acolhe sob a sua bandeira uma série de escritores, que de Voltaire e Hugo a Zola, Péguy, Malraux ou Camus, os quais preocuparam-se com a vida e a organização da Cidade [...]”.

Apesar da crítica mais em voga (reagindo contra certos exageros de origem romântica) a obra vale por si, e em si mesma deve ser considerada, independente da pessoa do escritor, não nos furtamos à curiosidade que este desperta. Se cada livro pode dar lugar a um interesse apenas imediato, isto é, esgotado pelo que ele pode oferecer, uma obra, em conjunto, nos leva quase sempre a averiguar a realidade que nela se exprime e as características do homem a quem devemos esse sistema de emoções e fatos tecidos pela imaginação. (CÂNDIDO, 2006, p. 69).

O **segundo caminho investigativo** que se pode vislumbrar com Graciliano Ramos para pesquisas na área do urbano interdisciplinarmente com a da literatura refere-se aos estudos comparados entre o conteúdo de seus documentos político-administrativos e a prática de seus pares (prefeitos) contemporâneos. Buscaríamos, assim, no trabalho de Graciliano junto à prefeitura de Palmeira dos Índios, na sua prática, no conteúdo de seus relatórios, em declarações públicas como homem que atuou em diferentes cargos públicos, a identificação de convergências e divergências com princípios adotados pela gestão urbana contemporânea. O caso da transferência de ideias e práticas do prefeito no interior de Alagoas, no final dos anos 1920, para o universo do administrador urbano contemporâneo é aquele que apresenta talvez maior riqueza investigativa para o pesquisador da área do urbano. De fato, seu exercício no cargo de prefeito e a produção dos dois relatórios administrativos constituem uma circunstância singular para o debate da cidade brasileira a partir de enfoques com aderência ao estudo literário. O reconhecimento do prefeito como escritor certamente contribuiu para que esse material de caráter administrativo tenha sido melhor preservado e tomado como referência em diferentes análises; fato que não ocorreu com seus pares à época. Tal situação, se positiva para o estudo mais dirigido de Graciliano, é certamente limitadora no caso de estudos comparados. A partir de visões ideológicas similares do ideal urbano atual - cujos preceitos correspondem a um incremento de responsabilidades em âmbitos sócio espaciais, político-econômicos, ambientais e tecnológicos ao longo das décadas -, poder-se-ia justificar ou rejeitar as preocupações e práticas desse gestor da cidade de 1928/1929, momento da urbanização brasileira ainda incipiente.

Da longa lista de temas que poderiam ser discutidos a partir de um interesse “urbano” ou da gestão das cidades, os relatórios de Graciliano Ramos, destacam-se: clareza na prestação de contas, responsabilidade na administração pública municipal, transparência política e busca pela imparcialidade no âmbito das relações pessoais de uma cidade pequena. Em termos de prioridade para o uso do recurso público, observa-se a concentração na limpeza pública e na construção de estradas, saneamento e pequenas obras públicas. Em termos de legislação urbana, tem-se a revisão feita de próprio punho do Código de Posturas Municipal. Todos esses casos instigam um estudo comparativo com as práticas atuais de Gestão Urbana, na qual parece haver uma permanência dos princípios no nível do ideal desejado, mas não no nível da prática: em nossa atualidade, pretendidamente mais coletiva e menos personalista.

Elementos político-administrativos encontrados nos relatórios de Graciliano Ramos ilustram, de fato, a riqueza investigativa que se pode aí encontrar no interesse de pesquisas interdisciplinares entre cidade e literatura. Densos pelas informações que aportam sobre a realidade de uma cidade de pequeno porte da primeira metade do século XX e sobre a gestão dela, tais relatórios ensejam estudos comparativos e interdisciplinares conforme aqui sugeridos, mas também análises de caráter mais documental, descritivas e de prestação de contas, a partir da leitura dessas fontes históricas.

Finalmente, os dois caminhos investigativos apresentados alertam para dois possíveis circuitos de transferência de ideias: o primeiro, relativo ao posicionamento ideológico do autor para a construção de suas obras literárias (unitemporalidade); o segundo, relativo àquilo que defendeu

ou implementou em sua época frente a postos públicos para o modelo de cidade e gestão con temporâneas (transtemporalidade). Em ambos os casos, prevalece à interdisciplinaridade aqui desejada entre o campo dos estudos urbanos e literários.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste artigo não foi o de apresentar uma discussão teórica ou mesmo os resultados de um estudo empírico. Sua intenção principal foi provocar uma discussão sobre possíveis vazios investigativos no campo interdisciplinar literatura e cidade. Procuramos demonstrar tal intenção por meio do apontamento de possíveis aderências entre esses dois campos. Iniciamos com uma discussão exploratória sobre aproximações identificadas entre cidade e obras literárias, destacando como a questão urbana aí pode ser identificada e investigada. Na sequência, apresentamos um estudo bibliométrico que relata, no recorte investigado, a produção acadêmica nacional que já tenha avançado neste campo interdisciplinar literatura e cidade e possíveis tópicos de interesse para o campo do urbano que possam ser encontrados em obras literárias. Por último, o artigo particularizou a discussão para o caso de Graciliano Ramos, com sua produção literária, sua atuação como prefeito municipal e o interesse em analisar seu papel político frente a preceitos da Gestão Urbana contemporânea.

Nas três etapas da elaboração deste artigo, foram evidenciadas possibilidades investigativas e a oportunidade de implementá-las segundo interesses inter ou multidisciplinares. De um entendimento anterior à elaboração do artigo que reconhecia uma recorrência de referências à literatura em trabalhos do campo do estudo do urbano, chegamos à constatação de que são poucos os trabalhos que guardam essa relação como objeto de estudo. Os avanços que se têm observado em termos de análises interdisciplinares no debate sobre cidades, com destaque para a forte inclusão das ciências sociais, indicam um ambiente propício para novas perspectivas científicas. O que se buscou trazer neste artigo foi precisamente ampliar essa diversidade de fontes e dados de informação.

Referências

- ALAGOAS. *Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios relatório ao Governador do Estado de Alagoas*. Maceió: Imprensa Oficial, 1929. Disponível em: <<http://culturae viagem.wordpress.com/2013/03/08/relatorios-de-graciliano-ramos-uma-obra-prima-da-literatura-e-uma-contribuicao-inestimavel-a-gestao-publica>>. Acesso em: 09 mar. 2014.
- _____. *Segundo relatório ao Sr. Governador Álvaro Paes pelo Prefeito do Município de Palmeira dos Índios Graciliano Ramos*. Maceió: Imprensa Oficial, 1930. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/02/13/graciliano-ramos-da-prefeitura-municipal-de-palmeira-dos-indios-1930-486134.asp>>. Acesso em: 01 mar. 2014.
- ARANTES, O. et. al. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2014.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, Câmara dos Deputados, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- BRESCIANE, M. S. Cidade e história. In: OLIVEIRA, L. L. (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- CALVINO, Í. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂNDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DENIS, Benoît. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e castigo*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FLORIANI, D. Disciplinaridade e construção interdisciplinar do saber ambiental. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba: Ed. UFPR, n. 10, p. 33-37, jul./dez. 2004.
- GOMES, R. C. Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura. *Revista Semear 1*, Rio de Janeiro, nov. 1997. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/1Sem_12.html>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- HARVEY, D. *Spaces of hope*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.
- HEALEY, P.; UPTON, R. (Ed.). *Crossing borders: international exchange and planning practices*. London; New York: Routledge, 2010.
- HOWLETT, P.; MORGAN, M. S. (Ed.). *How well do facts travel: the dissemination of reliable knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- JOYCE, J. *Ulysses*. Tradução Caetano W. Galindo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- LEME, M. C. da S. A formação do pensamento urbanístico no Brasil: 1895-1965. In: LEME, M. C. da S. (Org.). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAU USP; FUPAM, 1999. p. 20-39.
- LIMA, A. C. B. R. A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria. *Arquiteturarevista*, v. 4, n. 2, p. 8-16, 2008. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/5467/2703>>. Acesso em: 20 maio 2015.
- MORAES, D. de. *O velho graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- NEITZEL, A. A. *O jogo das construções hipertextuais: Cortázar, Calvino e Tristessa*. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, fev. 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/82751/182073.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 abr. 2015.
- NOVAKOVICH, J. *Fiction writer's workshop*. Cincinnati: Story Press Books, 1995.
- OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. *Governança urbana e pós-graduação: formação de saberes sobre a cidade*. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetropoles.net/index.php?option=com_k2&view=item&id=243%3Asaberes-sobre-a-cidade&Itemid=166&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2015.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Historical reason*. London: Norton & Co., 1984.

PADRÃO, A. L. P. Buenos Aires como espaço literário em Borges: “La muerte y la brújula”. Terra Roxa e Outras Terras: *Revista de Estudos Literários*, v. 12, jun. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraro-xa/g_pdf/vol12/TRvol12c.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

PAMUK, O. *Istambul, memórias de uma cidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

PETTS, J.; OWENS, S.; BULKELEY, H. Crossing boundaries: interdisciplinarity in the context of urban environments. *Geoforum*, v. 39, n. 2, p. 593-601, Mar. 2008. Disponível em: <<http://http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718506001394>>. Acesso em: 24 set. 2015.

QUEIRÓS, E. de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1978.

RAMOS, G. *Cartas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record. 1986. p. 88-105.

SÁNCHEZ, F. et al. Produção de sentido e produção do espaço: convergências discursivas nos grandes projetos urbanos. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 107, p. 39-56, jul./dez. 2004.

SANTOS, R. A. dos. A lei de responsabilidade fiscal e o desenvolvimento do capital social. *Revista Controle*, v. 7, n. 1, p. 31-40, abr. 2009.

SAWALHA, A. *Reconstructing Beirut: Memory and Space in a Postwar Arab City* (Jamal and Rania Daniel Series in Contemporary History, Polit). Austin: University of Texas Press, 2011.

TAVARES, Z. As lições do prefeito Graciliano Ramos. *Ciências Contábeis*, 2011. Disponível em: <<http://click-contabeis.blogspot.com.br/2011/04/as-licoes-do-prefeito-graciliano-ramos.html>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

TEIXEIRA, N. C. R. B. Imagens urbanas da cena escrita: Machado de Assis e Lima Barreto: um Rio de Janeiro escrito a quatro mãos. Fênix: *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, ano 5, n. 1, p. 1-16, jan./fev./mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol14JNincia.php>>. Acesso em: 23 maio 2015.

ULTRAMARI, C.; DUARTE, F. Editorial: seção especial. *Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 171-173, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-33692012000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2014.

ULTRAMARI, C.; FIRMINO, R. J.; SILVA, S. F. P. Uma abordagem bibliométrica do estudo do planejamento urbano no Brasil nas décadas de 1990 e 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUR, 2011. Disponível em: <http://observatoriodasmetroles.net/download/clovis_ultramari.pdf>. Acesso: 18 out. 2015.

VIEGAS, T. *Administração da linguagem*. Tecnolegis, São Paulo: DP/SP, 2010. *Texto da prova do concurso para agente de defensoria*. Disponível em: <<http://www.tecnolegis.com/provas/id/1307-defensoria-publica-do-estado-sao-paulo-agente-de-defensoria-psicologo-fcc-2010-prova-objetiva>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

ZOLA, É. *Travail*. Paris: Senfina, 2013.